Jesus e as mulheres

Ben Witherington III · tradução para o alemão: Hans-Jörg Ronsdorf · maio de 2021 · revisada em outubro de 2026

Jesus, assim se tem dito ultimamente, era um "feminista radical". Era alguém que minava conscientemente o quadro patriarcal tradicional que fazia parte tão evidente da cultura e da religião do Antigo Testamento. Seu próprio ensino e seu modo de vida eram tais que, segundo a afirmação de muitos, só uma ***visão igualitária*** das relações entre marido e esposa e uma visão de igualdade de direitos dos papéis masculinos e femininos como discípulos estariam de acordo com a sua visão de mundo. Essa forma de analisar as opiniões de Jesus sobre as mulheres impôs-se cada vez mais, tanto nos círculos acadêmicos quanto nos leigos, como a interpretação "correta" do material relevante dos quatro evangelhos. ***Talvez valha a pena, mesmo assim, perguntar se não se trata de mais uma tentativa de moldar Jesus e as suas opiniões à imagem de nossas próprias preocupações modernas sobre o lugar das mulheres na comunidade cristã.***

Tantas vezes chegamos ao texto bíblico com uma agenda (uma definição ou decisão prévia), e não é surpreendente que muitas vezes encontremos o que procuramos! Usamos as evidências de uma maneira que em parte esclarece a verdade e em parte a encobre. E então, muitas vezes, as nossas pressuposições sobre o texto e a nossa maneira de lidar com ele ditam que tipo de resultados colhemos. A metodologia, como disse certa vez Robert Funk, não é uma rede neutra. Ela apanha aquilo que foi feita para apanhar.

No que diz respeito à questão das mulheres no ministério de Jesus, o único caminho para evitar o problema de ler uma agenda dentro do texto é o estudo cuidadoso, abrangente e histórico do material relevante. Não devemos presumir saber o que o texto significa para nós antes de termos examinado o que ele significava para o seu autor e para o seu público em seu ambiente histórico original. É muito claro que o texto não pode significar hoje algo que esteja em contradição com aquilo que o autor quis dizer naquela época. Com esses pensamentos em mente, vamos examinar parte do material relevante, sendo que só posso resumir uma parte do material da minha monografia "Women in the Ministry of Jesus" (Cambridge: Cambridge University Press, 1984).

Eunucos por causa do reino de Deus

Jesus veio para anunciar o reino de Deus, um acontecimento que teve consequências para as mulheres, mas ele não tratou diretamente da questão de qual é o lugar adequado das mulheres nesse reino e em sua comunidade de crentes. Ainda assim, as consequências são fascinantes. Tome, por exemplo, o trecho de Mateus 19:10-12, em que Jesus proclama um lugar para a pessoa solteira em seu reino.

> *[Mateus 19:10-12] "Os seus discípulos lhe dizem: Se a situação do homem com a mulher é assim, então não convém casar. Ele, porém, lhes disse: Nem todos compreendem esta palavra, mas apenas aqueles a quem foi dado; pois há eunucos que assim nasceram do ventre materno; e há eunucos que foram feitos eunucos pelos homens; e há eunucos que a si mesmos se fizeram eunucos por causa do reino dos céus. Quem for capaz de compreender, compreenda."*

À primeira vista, isso não parece ser um conceito muito radical, até que o vemos em seu contexto histórico. Os mestres judeus do tempo de Jesus criam que Gênesis 1:28 ordena que todas as pessoas fisicamente saudáveis devem casar-se e reproduzir-se. ***Permanecer solteiro por livre escolha não era uma opção legítima.*** De fato, os rabinos consideravam com frequência os eunucos (castrados) uma afronta a Deus. Em contraste com isso, Jesus ensinou que era legítimo permanecer solteiro por causa do reino de Deus. Esse texto poderia ser a justificativa de Jesus para ele mesmo ter permanecido solteiro. Esse ensino teve um efeito profundo sobre as mulheres no ministério de Jesus. ***Significava que elas tinham a possibilidade de ser, nesta vida, algo diferente de esposa ou mãe.*** Vemos aqui, portanto, um afastamento radical do judaísmo, pois no judaísmo se dizia que o lugar de uma mulher deveria ser exclusivamente a casa. Ela não tinha a possibilidade de ser aluna de um rabino famoso ou de receber formação para dirigir o culto na sinagoga, muito menos de servir como sacerdotisa no templo.

Marta e Maria

Em Lucas 10:38-42 ficamos sabendo o que Jesus pensava sobre essas atitudes judaicas.

> *[Lucas 10:38-42] "Enquanto seguiam viagem, ele entrou numa aldeia; e uma mulher chamada Marta o recebeu em sua casa. Ela tinha uma irmã chamada Maria, que também se sentou aos pés de Jesus e ouvia a sua palavra. Marta, porém, estava muito ocupada com muitos serviços; e, aproximando-se, disse: Senhor, não te importa que minha irmã me tenha deixado sozinha a servir? Dize-lhe, pois, que me ajude. Mas Jesus lhe respondeu: Marta, Marta! Andas preocupada e inquieta com muitas coisas; mas uma só é necessária. Pois Maria escolheu a boa parte, que não lhe será tirada."*

Aqui vemos com toda a clareza uma história de contrastes. Marta assume o papel da tradicional anfitriã judia, enquanto Maria representa a discípula atenta. A expressão "sentar-se aos pés" (10:39) é frequentemente usada como expressão técnica que significa ser discípulo de alguém, e provavelmente tem aqui esse sentido. Quando Marta se irrita porque Maria não ajuda na cozinha, e chega até a repreender Jesus por ele não fazer nada a respeito, a história dá uma virada bastante surpreendente. Jesus não manda Maria para a comissão de recepção, mas indica que Maria escolheu a boa parte, que não lhe será tirada. ***Ela tem o direito, e até uma obrigação mais elevada, de ser discípula de Jesus antes de ser sua anfitriã.*** Isso concorda com o ensino de Jesus em outro lugar, de que nada tem prioridade maior do que tomar a sua cruz e seguir Jesus. Mas a aplicação às mulheres teria sido considerada decididamente inaceitável nos círculos judaicos.

Discípulas

De Lucas 8:1-3 sabemos que havia mulheres no séquito itinerante de Jesus, um fato que em si mesmo teria sido considerado escandaloso, já que provavelmente elas não eram as esposas de seus discípulos.

> *[Lucas 8:1-3] "E aconteceu, depois disso, que ele percorria cidade após cidade e aldeia após aldeia, pregando e anunciando o reino de Deus. E os Doze estavam com ele, e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demônios, e Joana, mulher de Cuza, administrador de Herodes, e Susana, e muitas outras mulheres, que o serviam com os seus bens."*

É provável que Jesus fosse chamado zombeteiramente de “amigo dos pecadores” justamente porque dava às mulheres e a outros grupos sem direitos acesso livre e igual à sua comunidade. Em Lucas 8:1-3 observamos também que essas mulheres aparentemente exerciam na comunidade funções que mais tarde os diáconos e as diaconisas assumiram – elas cuidavam das necessidades materiais e do bem-estar da comunidade.

A família física e a família espiritual

A importância do ensino de Jesus sobre a família da fé em relação à família física dificilmente pode ser superestimada. De textos como Marcos 3:31-35 e paralelos fica claro que Jesus via a fé, e não a ascendência, como base para reivindicar um lugar em sua comunidade.

> *[Marcos 3:31-35] “E chegam sua mãe e seus irmãos; e, ficando do lado de fora, mandaram chamá-lo. E uma multidão estava sentada ao redor dele; e dizem-lhe: Eis que tua mãe e teus irmãos estão lá fora e te procuram. E ele lhes respondeu, dizendo: Quem é minha mãe e meus irmãos? E, olhando ao redor para os que estavam sentados em círculo à sua volta, diz: Eis aqui minha mãe e meus irmãos; pois qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe.”*

De fato, Marcos 3:21ss. (cf. João 7:5) sugere que os laços físicos com Jesus podiam realmente ser uma pedra de tropeço para entendê-lo. Além disso, textos como Marcos 10:29-30, Lucas 12:49-53 e paralelos, bem como Lucas 9:57-62 deixam claro que, para Jesus, a família da fé, e não a família física, deve ser vista como a unidade relacional fundamental dentro do reino de Deus. Certamente, quando uma família física (como Maria, Marta e Lázaro) era cristã, a família física e a família da fé podiam andar juntas. Mas, quando a família física estava dividida quanto à lealdade a Jesus e não queria servir ao corpo dos crentes, mas separá-lo, então a prioridade da família da fé tem de prevalecer. Marcos 3:31-35 significa nada menos do que isto: os próprios irmãos e irmãs na fé são a família primária, à qual se deve lealdade em primeiro lugar. Se surgisse uma situação de “ou isto ou aquilo”, está claro onde estava a lealdade de Jesus e onde ele a esperava de seus discípulos. Essa atitude se encontra, em menor grau, também entre os rabinos e seus discípulos, onde às vezes se afirmava que um aluno devia a sua primeira lealdade ao seu mestre, “que o trouxe ao mundo vindouro”, acima de seus pais, “que o trouxeram ao mundo”. Jesus, porém, aplicou esse princípio de maneira mais radical e profunda (cf. Lucas 11:27-28; 12:49-53). A igreja ainda não integrou tudo o que isso significa para os nossos relacionamentos em Cristo.

A samaritana junto ao poço

Um indício, dado de passagem, da opinião de Jesus sobre o valor do testemunho de uma mulher a respeito dele encontra-se em João 4. A história da mulher junto ao poço é conhecida demais para ser repetida, mas várias coisas nessa história apontam para a atitude de Jesus em relação às mulheres. Primeiro, os mestres judeus insistiam em que os homens judeus deveriam falar pouco ou nada com mulheres em lugares públicos, especialmente com mulheres estranhas. Isso valia ainda mais para mulheres de “má reputação” ou de “origem estrangeira”. As mulheres samaritanas eram consideradas pelos rabinos “menstruadas desde o ventre materno”, isto é, sempre impuras, intocáveis, marginalizadas. Por isso, aos olhos dos discípulos, Jesus não tinha nada que conversar com essa mulher junto ao poço. Jesus, porém, não só fala com ela, mas se recusa a tratá-la como impura e a envolve numa das discussões teológicas mais importantes de todo o quarto evangelho. ***Isso indica que***

mesmo uma mulher como ela era uma destinatária adequada de informações teológicas e, de fato, uma candidata adequada ao discipulado. Em segundo lugar, o quarto evangelista ressalta que, enquanto os discípulos homens de Jesus estavam ocupados em procurar a comida que não sacia, ***essa mulher foi até os outros para anunciar a mensagem. Essa mensagem levou muitos a vir a Jesus para ouvir falar de um alimento que oferece vida eterna*** (4:39). Pode bem ser que a parábola de 4:37-38 queira indicar que a mulher é uma das que semeiam ou ceifam. A mulher samaritana é então vista pelo quarto evangelista como alguém que vive corretamente o papel do discípulo – para vergonha dos Doze. De natureza semelhante, ainda que mais explícita, é a incumbência que Jesus dá a Maria Madalena de ser uma "apóstola dos apóstolos", sendo a primeira testemunha da ressurreição (João 20:17-18).

Jesus e as leis de pureza

É também de especial importância que Jesus, tacitamente, não considere as leis do Antigo Testamento sobre puro e impuro como obrigatórias para si e para os seus seguidores. Assim, ele não considera contaminador tocar um cadáver (Lucas 7:15), tocar uma mulher pecadora (Lucas 7:36ss.) ou uma mulher com fluxo de sangue (Marcos 5:27ss.). De fato, Marcos 7:1ss. diz expressamente que Jesus declarou puros todos os alimentos (7:19b), e isso com base no princípio de que só aquilo que sai de uma pessoa pode contaminá-la, e não aquilo que entra nela ou a toca (7:15).

Dominar versus servir

Outro texto que se refere às mulheres, tanto em suas relações com a família física quanto com a família da fé, é Lucas 22:24-30. Aqui Jesus define que tipo de direção ou liderança os Doze devem exercer sobre os seus seguidores. Ele declara que eles não devem ser como os gentios, que dominam sobre as pessoas, mas que devem seguir o exemplo de Jesus e ser servos de todos. ***Evidentemente, para Jesus, ser líder significa ser um servo principal – isso exige mais responsabilidade, e não mais privilégios.*** Isso não quer dizer que eles não tenham ou não possam exercer autoridade para ensinar, pregar, curar. ***Mas o que isso significa é que o modelo patriarcal tradicional de liderança no reino de Deus precisa ser reformado. A escolha e a incumbência dos doze homens por Jesus, tanto antes quanto depois de sua ressurreição, deixam claro que Jesus visava uma reordenação, e não uma rejeição do conceito tradicional de liderança.*** O que quer que esse conceito significasse agora no reino de Deus, evidentemente não foi entendido pelos evangelistas no sentido de que as mulheres não pudessem anunciar a boa notícia (João 20:17-18) ou mesmo ensinar membros importantes da igreja do sexo masculino (Atos 18:24-26).

Jesus e o divórcio

O que dissemos até este ponto da discussão é apenas um lado da história. ***O outro lado fala da preocupação de Jesus em fortalecer a estrutura tradicional da família física e torná-la mais justa para as mulheres.*** Os ensinamentos de Jesus sobre casamento, família e divórcio ilustram esse fato. ***Por exemplo, em Mateus 5:27ss., Jesus torna claramente mais rigorosa a proibição do adultério. Ela deve abranger também a inclinação do coração, e não apenas os atos do corpo.*** Além disso, em Mateus 19 (cf. Marcos 10), Jesus assume uma posição muito rigorosa quanto ao divórcio. De fato, muitos estudiosos afirmariam que a sua opinião é "nenhum divórcio", a não ser que o casamento tenha sido ilegítimo desde o início (por exemplo, no caso de uma união incestuosa). Que Jesus tenha

assumido um ponto de vista rigoroso contra o divórcio fica claro pela resposta dos discípulos em Mateus 19:10. Eles sabiam muito bem que alguns rabinos tinham dito que só se deveria divorciar em caso de adultério. É duvidoso que os discípulos tivessem reagido assim se tivessem entendido que Jesus simplesmente se colocava de um lado do debate judaico tradicional. Também nos evangelhos de Marcos e Lucas não se mencionam motivos aceitáveis para um divórcio. Certamente os primeiros ouvintes que receberam esses evangelhos teriam entendido que Jesus ensinava "nenhum divórcio". Para Jesus, o divórcio é adultério, assim como um novo casamento, pois aos olhos de Deus a união dos dois, que Deus ajuntou, é indissolúvel, a não ser, presumivelmente, pela morte (Mateus 19:9; Marcos 10:11-12; Lucas 16:18). Em Mateus 19:8-9, ***Jesus contrasta a sua posição com a de Moisés***. Moisés permitiu o divórcio por causa da dureza do coração, mas Jesus insistia agora em que a ordem e o propósito originais da criação de Deus deviam ser mantidos, porque ele introduz a nova criação. ***Ora, por mais difícil ou controverso que esse ensino pudesse ser, o seu efeito geral para as mulheres foi que elas receberam muito mais segurança em seu papel de esposa.*** Alguns rabinos tinham dito até que um homem tinha liberdade para divorciar-se e casar de novo se encontrasse uma mulher mais bonita que a sua, ou se a sua mulher atual deixasse queimar o café da manhã. Não era assim na comunidade de Jesus. As mulheres podiam ter certeza de que, na comunidade cristã, nenhum capricho desse tipo podia ser motivo de divórcio. Portanto, mesmo que Mateus 19:9 (5:32) permita o divórcio por adultério (o que parece improvável), Jesus havia restringido consideravelmente a liberdade dos homens de se divorciarem (na cultura judaica do século I, só os homens podiam divorciar-se).

João 7:53–8:11 deixa claro também que Jesus não tolerava dois pesos e duas medidas. Aqui surge a pergunta: onde está o adúltero, que também foi apanhado em flagrante? Evidentemente, nesse caso, esses anciãos judeus levavam o pecado da mulher mais a sério do que o do homem. Jesus não participou de um procedimento judicial tão seletivo e parcial. ***Ele não ignora o pecado da mulher, mas também não a condena. A sua verdadeira condenação recai sobre um sistema que discrimina os membros "mais fracos" da sociedade.*** Mais tarde ele critica os escribas que defraudam viúvas indefesas do pouco patrimônio que tinham (Marcos 12:40 e paralelos). Jesus também se sentia profundamente afetado pelo fato de pais idosos serem privados de seus direitos pelos próprios filhos sob o pretexto da piedade (Marcos 7:9-13). Sabemos também que as crianças ocupavam um lugar especial no ministério de Jesus. Ele insistiu no direito delas de vir a ele, apesar da resistência dos discípulos (Marcos 10:13s.). Jesus tinha compaixão de mulheres que haviam perdido parentes (Lucas 7:11ss.; João 11), que tinham parentes doentes (Marcos 7:24ss.) ou problemas especiais (Lucas 8:1-3). A sua comunhão com elas (João 12; Lucas 10) e a fidelidade delas a ele até o amargo fim (indo até mesmo além da fidelidade dos Doze) indicam uma relação especial entre Jesus e aquelas que alguns discípulos homens talvez tratassem como as menores dos discípulos, cuja palavra nem sequer merecia confiança (Lucas 24:11). ***Tudo isso aponta para uma valorização muito notável dos papéis que as mulheres podiam assumir na comunidade de Jesus, em comparação com a sua posição diminuída no judaísmo.*** Ali, por causa de sua impureza mensal, não lhes era permitido ler a Torá na sinagoga nem pertencer ao conselho dirigente.

O nosso estudo das palavras e dos atos de Jesus nos leva à conclusão de que Jesus se distinguia de seus contemporâneos judeus em muitos pontos, ainda que não em todos. Isso é tanto mais notável quando constatamos que Jesus, até onde sabemos, nunca deixou o seu ambiente judaico imediato por um período prolongado e, o que é ainda mais importante, que dirigiu a sua missão especificamente a seus concidadãos judeus.

A rejeição rigorosa do divórcio por Jesus teria ofendido praticamente qualquer pessoa de seu tempo. Além disso, a opinião de Jesus de que a condição de solteiro era, para aqueles a quem isso foi dado, uma vocação legítima e não anormal contradizia as opiniões predominantes em várias partes do Império Romano sobre o dever de um homem de se casar e se reproduzir, mas em nenhum lugar mais do que em sua terra natal, a Palestina. Sugeri que foi esse ensino que possibilitou às mulheres assumir também outros papéis além dos de esposa e mãe na comunidade de Jesus. O fato de Jesus não aprovar várias formas de transformar as mulheres em "bodes expiatórios", especialmente em questões sexuais, colocou-o em conflito com outros rabinos, embora sem dúvida até muitos gentios achassem que Jesus, com a sua rejeição dos "dois pesos e duas medidas", levava a igualdade de direitos longe demais. ***Além disso, ao contrário de vários autores judeus, não encontramos nos lábios de Jesus nenhuma observação negativa sobre a natureza, as capacidades e o potencial religioso das mulheres em comparação com os homens.*** Há também razão para supor que a avaliação de Jesus sobre o valor e a força probatória do testemunho de uma mulher era mais elevada do que a da maioria, se não de todos os seus contemporâneos (cf. João 4:27-42). O ensino de Jesus de que as reivindicações da família da fé têm prioridade sobre as reivindicações da família física, tanto para homens quanto para mulheres (cf. Marcos 3:31-35; 10:29-30), levou também a algumas circunstâncias que tanto judeus quanto gentios teriam considerado escandalosas. Por exemplo, que marido (judeu ou gentio) teria deixado de bom grado a sua mulher abandonar a casa e a família para se tornar seguidora de um pregador itinerante judeu? Mesmo assim, Lucas 8:3 provavelmente indica que Joana, a mulher de Cuza, tinha feito isso. ***Esse ensino, porém, não levou Jesus a rejeitar categoricamente a estrutura familiar tradicional nem, ao que parece, o quadro patriarcal que existia, em certa medida, em todas as diferentes culturas mediterrâneas daquela época.*** Os ensinamentos de Jesus sobre o corbã, sobre a honra aos pais, sobre o divórcio e sobre as crianças deixam claro que ele não defendia uma rejeição da estrutura familiar tradicional. Se Mateus 5:27-32 e João 7:53–8:11 dão alguma indicação, então Jesus reafirmou a responsabilidade do marido e dos líderes homens de serem modelos morais para a comunidade. ***A escolha de doze homens por Jesus como líderes de sua nova comunidade também leva a supor que ele procurava reformar, e não rejeitar, o quadro patriarcal sob o qual trabalhava.***

Certas palavras e certos atos de Jesus, como o seu ensino sobre as leis da impureza, a cura de uma mulher no sábado e a sua disposição de conversar em público com uma mulher estranha, eram evidentemente escandalosos para os seus concidadãos judeus, ***mas fora do contexto natal de Jesus provavelmente não teriam causado muito alvoroço.*** Também a atitude de Jesus em relação ao direito de uma mulher à formação religiosa e a ser discípula de um líder religioso era, sem dúvida, chocante para os judeus, mas não teria parecido radical a muitos romanos ou gregos daquela época.

As opiniões de Jesus sobre as mulheres e os seus papéis não se encaixam em nenhuma das categorias de seu tempo. Ele não era nem um membro de Qumran nem um rabino tradicional nessas questões, embora tivesse certas coisas em comum com ambos os grupos. O fato de ele apresentar mulheres, tanto em histórias fictícias quanto reais, como modelos de fé para os seus seguidores não é sem precedentes na literatura rabínica; tampouco o seu ensino sobre honrar os pais. O seu chamado a homens e mulheres a uma entrega radical a Deus, em vista da chegada do reino de Deus, tem certas semelhanças com os ensinamentos de João Batista e de Qumran. Mas, de modo geral, e especialmente em vista de seu contexto judaico, ***Jesus parece ser um reformador singular e, às vezes, radical das opiniões sobre as mulheres e os seus papéis que eram comuns em seu povo. Além disso, parece que ainda era preciso argumentar a favor de uma atitude nova e mais aberta em relação às mulheres quando os evangelistas escreveram os seus evangelhos.*** Talvez seja exatamente por isso que o

terceiro e o quarto evangelistas se esforçam por apresentar várias mulheres como modelos religiosos para o seu público. ***Como, então, essas novas atitudes sobre as mulheres e os seus papéis afetaram as mulheres que participavam da comunidade de Jesus? O que a comunidade de Jesus oferecia às mulheres em termos de status e papéis, em comparação com o que lhes era oferecido no judaísmo?***

Em primeiro lugar, fica claro não só nos evangelhos, mas também em Atos e nas cartas (por exemplo, Romanos 16), que a influência da mensagem cristã sobre as mulheres foi considerável. É provável que os ensinamentos de Jesus atraíssem as mulheres em parte por causa dos novos papéis e do status de igualdade que lhes eram concedidos na comunidade cristã. Na Grécia e em Roma havia muitos cultos reservados apenas aos homens ou que, na melhor das hipóteses, permitiam às mulheres uma participação muito limitada. Além disso, é fácil entender por que mulheres que estavam à margem da comunidade da sinagoga se tornaram convertidas cristãs. O judaísmo oferecia às prosélitas, na melhor das hipóteses, um lugar limitado, pois elas se deparavam com as restrições rabínicas que limitavam a sua participação em funções religiosas. Enquanto as mulheres não podiam nem contar para o número mínimo (minyan) necessário para fundar uma sinagoga nem receber o sinal judaico da aliança, essas restrições não existiam na igreja cristã. ***A explicação necessária e suficiente para o fato de o cristianismo se distinguir, nessas questões, de sua mãe religiosa, o judaísmo, é que Jesus rompeu tanto com tradições bíblicas quanto rabínicas que restringiam o papel da mulher nas práticas religiosas, e que rejeitou as tentativas de desvalorizar o valor de uma mulher ou o seu testemunho.*** Assim, a comunidade de Jesus, tanto antes quanto depois da Páscoa, concedeu às mulheres, juntamente com os homens (e não separadas dos homens, como em alguns cultos pagãos), um direito igual de participar plenamente da família da fé. Esse era um direito que as mulheres não tinham no judaísmo contemporâneo nem em muitos cultos pagãos. Os ensinamentos de Jesus sobre as prioridades do discipulado, a sua disposição de aceitar mulheres como suas discípulas e companheiras de viagem (cf. Lucas 8:1-3; 10:38-42) e o seu ensino sobre os eunucos e sobre o que contamina uma pessoa abriram efetivamente o caminho para que as mulheres pudessem desempenhar um papel importante em sua comunidade. Qualquer pessoa podia crer em Jesus e segui-lo – ele não insistia em nenhum outro pré-requisito para a entrada em sua família da fé.

Quanto aos papéis que as mulheres podiam assumir e assumiram na igreja de Jesus, é sobretudo Lucas quem nos mostra que uma grande variedade de tarefas foi assumida por mulheres, especialmente na igreja pós-pascal. O terceiro evangelista dá indícios (cf. Lucas 8:3; Atos 9:36-42) de que, com bastante frequência, as mulheres simplesmente retomavam os seus papéis tradicionais de hospitalidade ou de apoio material, ainda que agora a serviço da igreja de Jesus. Esses papéis eram aceitáveis desde que não impedissem uma mulher de escolher “a única coisa necessária” (Lucas 10:38-42) ou de aprender mais sobre ela.

Embora o ensino e a comunidade de Jesus talvez tenham sido aceitos com mais facilidade e naturalidade por mulheres gentias do que por mulheres judias, eles ofereciam às mulheres judias mais em termos de status e papéis do que às mulheres gentias. Para uma mulher judia, a possibilidade de ser aluna de um grande mestre, de ser seguidora itinerante de Jesus, de permanecer solteira “por causa do reino de Deus” ou até mesmo de ser mestra da fé para outras pessoas além das crianças eram possibilidades que não existiam antes de sua entrada na comunidade de Jesus. Não obstante, a fé cristã e a comunidade ofereciam também às mulheres não judias muitíssimo. Além das tarefas mencionadas acima, a oferta da redenção do pecado, a oferta de começar a vida com uma nova compreensão de si mesma e um novo objetivo, a oferta de participar ativamente de uma comunidade cujo Mestre havia orientado a sua missão especialmente para os oprimidos eram ofertas muito

atraentes tanto para mulheres gentias quanto para mulheres judias. ***Esse novo status e esses novos papéis, alguns dos quais antes não estavam à disposição dessas mulheres, são fatores que explicam o afluxo de mulheres à comunidade de Jesus.***

Outro motivo que aparece nos evangelhos é a apresentação das mulheres como testemunhas dignas de crédito da verdade sobre Jesus (por exemplo, João 4), e especialmente sobre a sua morte, o seu sepultamento, o seu túmulo vazio e o seu aparecimento como ressuscitado. Embora possa ter sido uma questão de necessidade, é significativo que uma parte decisiva do querigma cristão se baseie no testemunho das seguidoras de Jesus. ***É mérito dos evangelistas não tentarem disfarçar esse fato; pelo contrário, ele é destacado de diferentes maneiras pelo primeiro evangelista, por Lucas, pelo quarto evangelista e provavelmente por Marcos.*** Digna de menção especial é a maneira como Lucas evidencia a validade do relato testemunhal das seguidoras de Jesus, mostrando que ele foi confirmado pelo apóstolo Pedro (cf. Lucas 24:1-10, 12). Notável é também que o quarto evangelista apresente a confissão de Marta, de certo modo, como modelo para o seu público (cf. João 11:27; 20:31). Além disso, as narrativas da ressurreição, assim como outras partes dos evangelhos, tendem a testemunhar o efeito da atitude de Jesus em relação às mulheres sobre a comunidade cristã, já que nessas narrativas, como também em outros lugares, as mulheres aparecem como testemunhas e participantes dessa comunidade.

Resumo

Não há tempo nem espaço para explorar mais este material. Basta dizer que Jesus, em seu ministério, fez duas coisas ao mesmo tempo que afetaram dramaticamente as mulheres. De um lado, possibilitou às mulheres ocupar um lugar e um status significativos em suas palavras, em seus atos e em seu ministério, combatendo ao mesmo tempo preconceitos e dois pesos e duas medidas. Isso teve como consequência que, sobretudo as mulheres judias, receberam novos direitos e funções religiosas na família da fé. Do outro lado, ele tomou medidas que fortaleceram os papéis tradicionais das mulheres na família. A nova dicotomia entre Jesus como “feminista” ou Jesus como “tradicionalista” deve, portanto, ser rejeitada. ***Nenhum dos dois termos e nenhum dos dois extremos descreve adequadamente a relação de Jesus com as mulheres.*** Como em tantas outras áreas, também o ministério de Jesus às mulheres e com as mulheres escapa a uma categorização simples. Faríamos bem hoje em procurar preservar o equilíbrio saudável que foi anunciado por Jesus e levado adiante por Paulo. Se a igreja ignorar ou o novo que Jesus começou ou o antigo que ele confirmou, corre o perigo de fragmentar ainda mais a família física ou de sufocar o Espírito que age na vida das mulheres de Deus.

Que Deus nos guarde desses dois perigos.

Com a gentil permissão de Ben Witherington III.

Original em inglês: Ben Witherington III, “Women in the Ministry of Jesus”, Ashland Theological Journal 17 (1984), p. 22–30.

Destaques feitos pelo tradutor alemão.